

**FACULDADE CAPIXABA DA SERRA
PEDAGOGIA**

**ADAMILSEM DE OLIVEIRA PEREIRA
ANAMÉLIA NUNES NEVES PASSOS
ANDREIA MARTINS FIORANI
MARLÚCIA ALVES PEREIRA SILVA**

**ARTE EDUCAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SERRA,
2014**

ADAMILSEM DE OLIVEIRA PEREIRA
ANAMÉLIA NUNES NEVES PASSOS
ANDRÉIA MARTINS FIORANI
MARLÚCIA ALVES PEREIRA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Graduação em Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Mestre Silvana Santus

SERRA
2014

ADAMILSEM DE OLIVEIRA PEREIRA
ANAMÉLIA NUNES NEVES PASSOS
ANDRÉIA MARTINS FIORANI
MARLÚCIA ALVES PEREIRA SILVA

ARTE/ALFABETIZAÇÃO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura plena em Pedagogia na Faculdade Capixaba da Serra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Aprovado em: _____

EXAMINADOR

**Profª Mestre Silvana Santus
ORIENTADORA**

Profª CAROLINA BARCELLOS

Profº MARCO ANTÔNIO DA SILVA

-Serra, 10 de julho de 2014.

Agradecemos este trabalho ao Senhor dos Exércitos (JESUS), que nos fortaleceu até o presente momento. Aos nossos familiares que compreenderam nossa ausência e aos amigos que estiveram sempre presentes em todos esses anos.

E aos professores que de alguma forma nos ajudaram à conquista desse sonho.

Dedicamos este trabalho aos nossos familiares, aos nossos amigos. E à nossa orientadora Prof.^a Silvana Santus.

Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.
(Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho busca analisar as contribuições da arte, e a alfabetização na educação infantil. A arte na Educação Infantil tem papel fundamental na construção de um indivíduo crítico diante da sociedade, fornecendo-lhe experiências que o ajudará a refletir, desenvolver valores, sentimentos, emoções e uma visão questionadora do mundo que o cerca.

O primeiro capítulo aborda sobre a Arte na história do homem; como era a comunicação entre as pessoas na época das cavernas, a influência que sofriam das diversidades culturais. E que a Arte se faz presente desde que temos conhecimento de mundo.

O segundo capítulo aborda a história da Alfabetização e das mudanças que ocorreram ao longo dos séculos. Que aprender ler e escrever vai além de interpretar códigos; onde a alfabetização não é um processo baseado somente na capacidade de perspectiva e memorística, pois, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela se apresenta graficamente na linguagem, ainda que sob outra estrutura.

O terceiro capítulo aborda o tema Arte e suas contribuições na alfabetização e que a junção dessas disciplinas contribuem para o processo de aquisição da escrita.

Destacamos neste capítulo como a arte influência no processo de alfabetização da criança. Antes a arte era vista apenas como uma brincadeira, um passa tempo para a criança. Apesar de saber que nos tempos primórdios antes mesmo de saber ler e escrever o homem se comunicava através da imagem.

No decorrer do trabalho, debatemos sobre os temas abordados e observamos as mudanças sofridas na arte/alfabetização e a valorização das mesmas. Apesar de sabermos que ainda hoje no século XXI a arte ainda é vista como um passatempo para as crianças; mas cabe ao educador mudar essa visão arcaica de que a arte não contribui no processo de ensino/aprendizagem.

É preciso trabalhar com as diversidades culturais e dessa forma despertar no educando seu potencial e a importância da arte na alfabetização. A busca do docente pelo conhecimento dessas disciplinas deve ser contínua, sendo assim é notório afirmar que alfabetizar através dos grafismos e pinturas desperta no indivíduo sua emoção e sensibilidade pela arte.

Palavras-chave: **Contribuição-Arte-Alfabetização-Comunicação-Educação**

ABSTRACT

This paper seeks to analyse the contributions of art, and literacy in early childhood education.

The art in early childhood education has a fundamental role in the construction of an individual critic in front of society, providing you with experiences that will help you reflect, develop values, feelings, emotions and a questioning of the world vision that surrounds it.

The first chapter discusses about the art in the history of man; how was the communication between persons at the time of the caves, the influence that suffered from cultural differences. And that art is present since we know about world.

The second chapter discusses the history of literacy and of the changes that have occurred over the centuries. To learn to read and write is more than interpret codes; where literacy is not a process based solely on ability to prospect and memorística therefore to learn to read and write, the student needs to understand not only what writing represents, but also how it presents itself graphically in the language, even if under another structure.

The third chapter discusses the theme art and his contributions in literacy and the junction of these disciplines contribute to the process of acquisition of writing.

We highlight in this chapter how influence in the process of children's literacy art. Before the art was seen only as a joke, a hobby for your child. Despite knowing that in early times before even knowing how to read and write the man communicated through the image.

In the course of work, discussing the topics discussed and observe the changes suffered in art/literacy and the appreciation thereof. Although we know that even today in the 21st century art is still seen as a hobby for children; but it is the responsibility of the educator change this archaic view that art does not contribute in the teaching/learning process.

We must work with the cultural diversity and thus awakening in educating their potential and the importance of art in literacy. Faculty Search for knowledge of these disciplines must be continuous, so is notorious claim that alphabetize by the artwork and paintings awakens in his individual emotion and sensitivity for art.

Keywords: Contribution-Art-Communication-Education-Literacy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I CAPÍTULO: A história do ensino da arte no Brasil.....	13
1.1 A arte na história do homem.....	14
1.2A história do ensino da arte no Brasil.....	15
II CAPÍTULO : A história da alfabetização.....	19
2.1Os processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança.....	20
2.2Alfabetizar na educação infantil.....	25
III CAPÍTULO: A arte e suas contribuições na alfabetização.....	28
3.1 A contribuição do desenho infantil na aquisição da escrita...29	
3.2 A influência da arte na alfabetização.....	33
3.3 Relato de experiência.....	34
Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37
ANEXOS.....	39
Anexo A.....	32
Anexo B.....	41

INTRODUÇÃO

A escolha do tema neste trabalho nos faz refletir que a arte é de extrema importância na vida da criança e na educação infantil, pois o primeiro contato da criança com a escrita é a garatuja (a criança escreve em forma de desenho).

Há um pré-conceito estabelecido ao longo dos anos que a arte não ensina e serve apenas como passatempo; mas hoje é reconhecido como lei que diz: A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Hoje há um olhar diferenciado ao ensino de Artes, que era chamada de Educação Artística, vista como passatempo, para preencher as aulas vagas, como se fosse de pouca importância, comparado com outras matérias intituladas as mais importantes; como português, matemática

Os pais e educadores nessa fase da criança devem respeitar esse momento; esse primeiro contato da criança com a escrita. Incentivá-la. Não depreciando o desenho da criança dizendo que está feio mal feito; porque dessa maneira pode retardar os primeiros rabiscos da mesma.

É através do desenho que muitas vezes a criança expressa suas emoções, o momento bom ou ruim que esteja vivendo. Como ela não sabe ler e escrever, fala através da imagem.

Por essa razão a arte/alfabetização contribui para o desenvolvimento psicomotor (cognitivo) da criança.

Desde os tempos primórdios a história da arte existe antes das grandes civilizações e tribos, como as do Antigo Egito.

Essa arte chamada rupestre era caracterizada por ser feito com materiais como terra vermelha, carvão, e pigmentos amarelos de animais, cascas de árvores em paredes

de cavernas. A arte rupestre é a primeira demonstração de arte que se tem notícia na história humana.

Durante a educação infantil, a criança desenha, canta, cola, recorta, dobra, pinta, modela, dança, dramatiza, enfim, todo corpo participa na construção e descoberta do conhecimento, e infelizmente nas salas de alfabetização e nas séries iniciais do ensino fundamental. A arte educação maior é trabalhar conteúdos conforme programação, com exercícios estereotipados sem envolver o aluno com o objeto de estudo, desconsiderando a bagagem de conhecimento que o aluno traz consigo.

Valorizar os rabiscos e desenhos das crianças nas diferentes fases de desenvolvimento e o significado que lhe são impressas, muito contribui para que as mesmas sintam-se seguras nas atividades relativas à alfabetização.

O ato de alfabetizar não só é um ato de amor e sim, um ato político por excelência. Essa é uma das oportunidades que possibilitam a criança realizar uma transformação de si mesma, pois está se apropriando de um instrumental histórico, através do qual ela poderá compreender melhor o mundo, aprender outras realidades e sair de seu contexto imediato. A arte na educação infantil necessita ser repensado em sua função dentro da escola e sua articulação com o contexto extraescolar.

A partir dos estudos realizados e das observações da prática pedagógica, conclui-se que a arte é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança e para o processo de alfabetização.

A criança antes de seu ingresso na escola já esteve no lar manuseando objetos e, por conseguinte, a escola deverá contar com ambientes e materiais lúdicos importantes, contribuindo no desenvolvimento das crianças, despertando o gosto e a vontade de se envolver neste novo cenário desconhecido.

A arte é a primeira escrita do indivíduo onde através dela a criança mostra-se ao mundo, mas é preciso que exista uma troca real e efetiva entre dois universos tão estranhos: o universo adulto e o universo infantil.

Os rabiscos, desenhos, contos, dança, dramatização, explicitam o nível de desenvolvimento intelectual e emocional da criança, que deve ser considerado no

contexto escolar, assim como o reconhecimento dessas atividades é fundamental para o processo de apropriação da linguagem escrita.

Na década pertencente à escola tradicional, a alfabetização significou momentos sombrios, porque as expectativas metodológicas eram trabalhadas enfocando o mecanismo de decodificação. Nos tempos atuais é necessário proporcionar além da leitura, o seu entendimento e interpretação ativa do processo da mesma. Isso implica com que não se deve desenvolver na criança o ato de ler mecânico, mas permitir que o gosto pela leitura seja constante, mesmo porque o ato de ler não pode ser visto como uma obrigação e sim como ato criativo, contribuindo neste caso para o alimento cultural da criança.

Não obstante, percebe-se a cada instante que inúmeras crianças na fase inicial da alfabetização apresentam problemas relacionados a esse processo, vez que são deixados de lado pelos alfabetizadores, conhecimentos sobre o ato evolutivo do aprender, que se torna importante no contexto escolar.

Refletir sobre essa significância é admitir que o eixo do processo de alfabetização necessite de uma reorganização pedagógica, haja vista que não se pode mais trabalhar sem novas contribuições pedagógicas, pois se faz necessário redimensionar a política da alfabetização, destacando-se os fatores fundamentais nesse processo. Nesse sentido, convém dar ênfase à arte.

I CAPÍTULO

A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

1.1 A arte na história do homem

Desde a época em que habitava as cavernas, o ser humano vem manipulando cores, formas, gestos, espaços, sons, silêncios, superfícies, movimentos, luzes e etc., com a intenção de dar sentido a algo, de comunicar-se com o outro, tentando expressar seus pensamentos e sentimentos. O homem conseguiu vencer as barreiras impostas pela natureza e prosseguiu com o desenvolvimento da humanidade na Terra. Ao longo do tempo, percebemos que a existência do homem não se limita à simples obtenção dos meios que garantem a sua sobrevivência material. Percebemos que existem importantes manifestações humanas que tentaram falar de coisas que visivelmente extrapolam a satisfação de necessidades imediatas

A comunicação entre pessoas e as leituras do mundo não se dá apenas por meio da palavra, muito do que sabemos sobre pensamento e o sentimento das diversas pessoas, povos, países e épocas, são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de músicas, teatro, poesia, pintura, dança cinema etc. O surgimento da comunicação está diretamente ligado com a arte, e com isso podemos compreender melhor o mundo. A Arte é extremamente importante para o homem porque é capaz de conectá-lo ao seu íntimo, seus desejos, medos, tristezas, alegrias, amores. A Arte expressa o que não podemos falar diretamente, seja em palavras em uma letra de música, poesia ou uma peça de teatro, uma crítica á sociedade, uma história de amor ou uma história de vida, seja um quadro, uma escultura até mesmo um acessório artesanal. A Arte desperta a criatividade, estimula a mente, registra histórias, momentos marcantes, mantém gravados para sempre acontecimentos que muitos não presenciaram, mas através dela, poderão sentir de alguma forma.

1.2 A história do ensino da arte no Brasil

Recebemos influências de várias culturas, que foram ligadas, metabolizadas por nós, configurando a diversidade da cultura brasileira expressa nas nossas singularidades regionais. Segundo Ferraz e Fusari (1999,p.16), os seres da natureza, bem como os objetos culturalmente produzidos, despertam em todos nós diversas emoções e sentimentos agradáveis ou não aos nossos sentidos e ao nosso entendimento. Logo ao nascer, passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético. Desde a infância, a criança como nós, interagimos com as manifestações de nossa ambiência e vamos aprendendo a demonstrar nosso prazer e gosto, por imagens, objetos, músicas, falas, movimentos, histórias, jogos e informações com os quais nos comunicamos na vida cotidiana. Gradativamente, vamos dando forma às nossas maneiras de admirar, de gostar, de julgar, de apreciar – e também de fazer – as diferentes manifestações culturais de nosso grupo social.

A arte se faz presente, desde as primeiras manifestações de que se tem conhecimento, como linguagem, produto da relação homem/mundo.

No período do Brasil colônia o ensino cedido aos habitantes era ordenada pelos jesuítas, eles tinham como catequese todo um trabalho não só da religião, mas também de educar os indígenas e quem chegava de Portugal.

O ensino jesuítico era voltado para o fortalecimento da importância da existência humana em semelhança com a fé como registro cultural. Os valores jesuíticos gradativamente vão sendo vencidos a partir da transformação e a propagação da escola pública e primária nas últimas décadas do século XIX. A formação dos indivíduos deixa de destacar os deveres jesuíticos e, dessa maneira, começou a se propagar no Brasil produção com a finalidade de ensinar o povo a ler e a escrever almejando contribuir para a formação de um novo sujeito, cidadão republicano, que respondesse os pedidos do recente regime político. Nesse cenário de escolarização do processo de alfabetização surgiram as cartilhas pela imprudência da imprensa brasileira nesse período.

Para nos apropriarmos de uma linguagem, entendermos, interpretarmos e darmos sentido a ela, é preciso aprendermos a operar com seus códigos. Do mesmo modo que existe na escola um espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte. É por meio delas que poderemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. A Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele.

A História da Arte no Brasil esta marcada pela dependência cultural. Segundo Martins e Picosque (2009, p. 10), uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida, em 1816, por dom João VI. Foi criada então, a Academia Imperial de Belas-Artes, que, após a proclamação da República, passou a ser chamada escola Nacional de Belas Artes.

Houve uma mudança no nome da escola, eles vieram para criar uma academia de ciências, artes e ofícios dez anos depois é uma escola de belas artes, muda a clientela, portanto ao invés de ser uma classe trabalhadora é uma classe que tem aspirações à aristocracia, passa a ser um símbolo de distinção social assim começa o preconceito ao ensino da arte, a maioria das pessoas considera até hoje o ensino da arte um luxo, uma coisa que poderia se viver sem.

O Brasil vivia naquele tempo a explosão do Barroco, mas o Neoclassicismo trazido pelos franceses é que foi assumido pelas elites e classes dirigentes como o que havia de mais “moderno”. A arte adquiriu a conotação de “luxo”, somente ao alcance de uma elite privilegiada que valorizava as manifestações artísticas que não seguiam esses padrões.

A partir desta época, temos uma história do ensino da arte com ênfase no desenho, pautado por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto. Surge na década de 1930, com influências ampliadas nos anos de 1950 e 1960 pelos ainda recentes estudos sobre criatividade, o movimento denominado Escola Nova, já presente na Europa e nos Estados Unidos, desde o final do século XX.

Guerra (2009, p.12), afirma que a influência da pedagogia centrada no aluno, nas aulas de arte, direcionou o ensino para a livre expressão e valorização do processo

de trabalho. O papel do professor era oportunidades para que o aluno se expressasse de forma espontânea, pessoal, o que vinha a ser valorização da criatividade como máxima no ensino da arte. Dentre os teóricos que fundamentaram esta pedagogia, destacam-se John Dewey, Viktor Lowenfeld e Herbert Read. No Brasil, Mário de Andrade colecionou desenhos infantis, e artistas como Anita Malfatti, Flávio de Carvalho e Augusto Rodrigues contribuíram para a valorização da produção da criança.

A tendência tecnicista esta presente na Lei nº 5.692, de 1971, que introduziu o componente curricular Educação Artística. A lei, determinando que nessa disciplina fossem abordados conteúdos de música, teatro e artes plásticas nos cursos de 1º e 2º graus, acabou criando a figura de um professor único que deveria dominar todas essas linguagens de forma competente. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma de promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte: “São características desse marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade”.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte, que vem sendo trabalhado há anos por muita arte - educadores. Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. Esses Três campos conceituais estão presentes no PCN – Arte e, respectivamente, denominados produção, fruição e reflexão.

As várias concepções de arte que se têm na sociedade e na escola seguem as tendências pedagógicas do momento e determinam como a arte será concebida e trabalhada na própria escola, pois "o papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola (...)" (BARBOSA, 1975, p. 90).

II CAPITULO
HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

2.1 Os processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança

Aprendizagem sonhada no século XVIII, a generalização da Alfabetização abre uma nova era na história da humanidade. As sociedades ocidentais iniciam um período caracterizado pela revolução permanente que ressoa no plano político, econômico, social e cultural.

Época marcada pela emergência das nações democráticas; pelo avanço da industrialização; pelo crescimento das cidades e erupção do individualismo; pela supremacia da cultural visual. E, no centro desse labirinto, a origem da concepção de alfabetização que herdamos. (...) “(BARBOSA, 1990, p.15)”.

Até a década de 1970, a alfabetização passou por momentos sombrios porque as expectativas metodológicas eram trabalhadas com objetivo de possibilitar o domínio do código escrito. O importante era saber ler, mesmo que esta leitura fosse desvinculada do contexto social, das utilizações práticas da linguagem escrita, enquanto instrumento social.

No início da década de 1980, começaram a circular livros e artigos entre os educadores que mostraram uma mudança no enfoque dado à alfabetização. Houve um deslocamento da preocupação de como ensinar, para como se aprende.

Segundo Emilia Ferrero em entrevista dada a Revista Nova Escola, publicado em Nova Escola. Edição 197, Novembro 2006. Houve uma mudança positiva e que já não se consideram as produções das crianças de 4 ou 5 anos como tentativas erradas ou rabiscos, a exemplo do que se dizia antigamente, mas sim como uma espécie de escrita. Partindo desse pressuposto investigações tornaram-se necessárias em relação à psicogênese da língua escrita. Isso significou busca de conhecimento sobre as ideias (hipóteses) que as crianças formulam sem a escrita. Nesse sentido, os estudos evidenciaram que as crianças sabem muito mais do que se poderia supor.

Elas ingressam na escola com conhecimento prévio dos mais diferentes assuntos. A alfabetização não é um processo baseado somente na capacidade de perspectiva e memorística, pois, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem, ainda que sob outra estrutura.

A alfabetização tem outros sentidos além de ensinar a decifrar a escrita, sobretudo, na escola. Saber escrever corretamente é um deles, fazer com que a criança consiga ler e entender também faz parte da alfabetização, a escrita não deve ser vista apenas como mais uma tarefa escolar ou um ato individual, mas precisará estar engajada nos usos sociais que envolvem principalmente como forma de acesso à cultura (SOUZA, 2010).

Segundo Soares (*apud* KRAMER, 2000, p. 16):

[...] a necessidade de uma teoria coerente da alfabetização, capaz de conciliar estudo sobre as diferentes facetas envolvidas na questão. Tais facetas são organizadas pela autora em três categorias: o estudo sobre o conceito da alfabetização, os trabalhos relativos à natureza do processo de alfabetização e as análises dos seus condicionantes.

Talvez a tentativa de construção de uma teoria geral da alfabetização traga o risco de que imaginemos ser possível abstrair a alfabetização nas diferentes práticas sociais em que ela se realiza e as condições que a viabilizam. Pelo menos, foi o que ocorreu nas tentativas de elaboração de uma teoria geral de currículo nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, e que acarretaram em modelos curriculares generalistas.

O objetivo da alfabetização é o de favorecer o desenvolvimento da comunicação e expressão com ênfase no processo de produção e utilização de textos, para além de garantir a aquisição e mecanismos básicos da leitura e da escrita (LOPES, 2010).

É preciso repensar a alfabetização, rever metodologias e enfrentar nossa própria história. Buscar a compreensão dos porquês e conviver com as angústias de reconhecer aquilo que não sabemos. Aceitar os erros do construtivismo. Aceitar o novo sem preconceito, não abandonando os acertos já conquistados (FREITAS e PEREIRA, 2010).

O ponto de partida para esse repensar, buscando com insistência o reconhecimento de teorias que conduzem de modo competente, uma prática pedagógica, é a restauração do conceito de saber ler e escrever.

Concorda-se com Soares (*apud* por KRAMER, 2000, p. 17), quando ele destaca que:

[...] a necessidade de uma teoria que apresente um conceito de alfabetização suficientemente ampla para incluir a abordagem mecânica do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à linguagem oral e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita. No processo de alfabetização, é importante que o professor leve em conta o que se conhece sobre o desenvolvimento cognitivo da criança.

Segundo Piaget (1978), o desenvolvimento cognitivo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilibrações. O autor chamou de desequilíbrio a mudança de alguma característica do meio ambiente, que provoca a ruptura do estado de repouso, de harmonia entre os organismos e o meio. A interação entre as atividades dos indivíduos e as ações do meio, chamou de equilibração.

Para se alcançar um novo estado de equilíbrio, dois mecanismos são acionados. O primeiro é a assimilação que, sem alterar suas estruturas, desenvolve ações destinadas a atribuir significações, a partir de experiências anteriores aos elementos do ambiente com os quais interage. O outro mecanismo é a acomodação, onde o organismo tenta estabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente (POSSOBOM, 2010).

Por ser contínuo e sucessivo, o desenvolvimento de um processo de equilíbrios é caracterizado por estágios que define um momento de desenvolvimento, onde a criança constrói suas estruturas cognitivas. Que segundo PIAGET (1978) dá-se por meio de fases sendo a primeira delas sendo a primeira delas a sensório motor em que a criança estabelece os primeiros contatos com que o cerca. Ela ainda não tem o domínio da linguagem, do pensamento da representação dos conceitos.

A segunda fase é pré-operatória em que a criança se utiliza da linguagem e emprega o concreto para dar suporte à representação mental. Ela não estabelece relações de causa e efeito, apenas alinha ideias lado a lado.

A terceira fase é operatória, caracterizada pela incapacidade da criança em definir-se.

A quarta e última fase é das operações formais do raciocínio abstrato. É quando o adolescente será capaz de estabelecer relações, tirar conclusões, prever e antecipar.

A duração de cada fase é individual e depende do contexto em que a criança vive (dos estímulos do meio ambiente, interação social). Desta forma, expressam Ferreiro e Teberosky (1985, p. 70):

Cada passo resulta da operação que ocorre entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento: no processo de assimilação (isto é, no processo de elaboração da informação), o sujeito transforma a informação dada; às vezes a resistência do objeto obriga o sujeito a mudar-se também (isto é, mudar seus próprios esquemas) para compreender o objeto (isto é, para apropriar-se dele).

Emília Ferreiro foi colaboradora de Piaget, de quem recebeu também orientações para os seus trabalhos. Com base nos pressupostos teóricos de Piaget, aponta a evolução do pensamento das crianças no que se refere à escrita, contribuindo para a compreensão de como a criança aprende a dominar esta nova linguagem. Através de pesquisas juntamente com Teberosky, a autora descobriu, de um modo geral, que as etapas descritas por elas são caracterizadas por simples traço: é a primeira etapa da escrita. A criança também elabora uma série de hipóteses trabalhadas através da construção de princípios organizadores, resultados não só de vivências externas, mas também por um processo interno.

Na primeira etapa as crianças conseguem diferenciar figura de escrita e estabelecem a escrita como substituta da figura. A distinção entre desenhar e escrever é de fundamental importância.

Ao se desenhar está no domínio do icônico; as formas de grafismo importam porque reproduzem a forma dos objetos. Ao se escrever se está na forma do icônico: as formas de grafismo não reproduzem a forma dos objetos, nem sua ordenação espacial reproduz o contorno dos mesmos (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 19).

Na segunda fase as crianças elaboram critérios de diferenciação para as escritas produzidas. Para as autoras:

Exploram critérios que lhe permitam, às vezes, variações sobre o eixo quantitativo (variar a quantidade de letras de uma escrita para outra, para obter escritas diferentes), e, às vezes, sobre o eixo qualitativo (variar o repertório de letras que se utiliza uma escrita para outra; variar a posição das mesmas sem modificar a quantidade) (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 24).

Na terceira fase as crianças começam a descobrir que as partes da escrita podem ter correspondência na emissão sonora. Ao entrar em contato com a escrita convencional, surgem as contradições da hipótese silábica.

Contradição entre o controle silábico e a quantidade de letras que uma escrita deve possuir para ser “interpretável” (por exemplo, o monossílabo deveria se escrever com uma única letra, mas se coloca uma letra só, o escrito “não pode se ler”, ou seja, não é interpretável); além disso, contradição entre a interpretação silábica e as escritas produzidas pelos adultos (que sempre terão mais letras que a hipótese silábica permite antecipar) (FERREIRO, 1996, p. 25).

Nesta mesma fase a criança pode adquirir o valor sonoro das letras, que as levará ao estabelecimento das correspondências, passando a representar, por letras semelhantes, as partes sonoras semelhantes entre as palavras. Diante de tantos conflitos, as crianças vão desestabilizando suas hipóteses e mergulham em novos processos de construção e assimilação. O professor deve dar à criança a oportunidade de interagir com a linguagem escrita e muito mais que a aprendizagem de um código de transição.

Vygotsky, psicólogo russo, teve suas pesquisas concluídas por seus colaboradores, entre eles Alexander Romanovich Luria e Alexis Nikolaevich Leontiev. Estudou a função da linguagem sempre relacionada ao aspecto social. Para ele a criança não consegue vencer cada uma dessas fases de forma isolada. O contato com outras crianças, com adultos, com os meios de comunicação, enfim, com tudo que circunda e estimula, aumentam seu repertório e dão significado ao mundo que a cerca.

2.2 Alfabetizar na educação infantil

Alfabetizar é encarado como uma atividade difícil e indesejada por boa parte dos professores. Eles preferem turmas que já tenham o hábito da leitura e da escrita ou turmas onde não seja preciso o compromisso do ensino da leitura e da escrita, como ocorre nas classes de educação infantil. Se uma criança não aprende a ler e a escrever na alfabetização e passa para as séries seguintes, as professoras das séries posteriores acabam culpando ou a professora da alfabetização ou o próprio aluno pela sua não aprendizagem.

Os estudos de Vygotsky sobre a aquisição da linguagem como fator histórico e social enfatizam a importância da interação e da informação linguística para a construção do conhecimento. O centro do trabalho passa a ser então, o uso e a funcionalidade da linguagem, o discurso e as condições de produção. O papel do professor é o de mediador, facilitador que interage com os alunos através da linguagem num processo dialógico (GEVEGIR, 2010).

O autor critica a forma como a escola lida com o ensino da língua escrita, reservando a ela um papel muito pequeno e desproporcional à importância da escrita no desenvolvimento cultural da criança. Para ele “ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal” (VYGOTSKY, 1999, p. 119).

Em sua teoria, Vygotsky defende a ideia de que a contínua interação entre as condições sociais é a base biológica do comportamento humano e que as estruturas orgânicas elementares, são determinadas basicamente pela maturação. As diversas condições históricas e sociais em que as crianças vivem é que afetam o pensamento e o raciocínio. Os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida da criança. São as experiências que adquire com os adultos e crianças mais experientes que governam o desenvolvimento do pensamento e o próprio comportamento (RODRIGUES Júnior, 2010).

A fala exerce um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, pois quando este é guiado pela fala, a criança passa a adquirir a capacidade de se autorregular.

O processo de desenvolvimento é a apropriação ativa do conhecimento que o indivíduo dispõe da sociedade em que nasceu, onde é preciso que aprenda e integre em sua maneira de pensar, o conhecimento de sua cultura (VYGOTSKY, 1999).

Conforme as reflexões apresentadas verifica-se uma estreita articulação entre o processo de alfabetização e as concepções da linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. No mesmo sentido, as concepções de arte também são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento das crianças.

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelam o mundo, depois revelam o mundo e, a seguir, escrevem as palavras. (Paulo Freire, 2002 p.8).

Com base na teoria de Paulo Freire, o sujeito mesmo antes de frequentar uma escola ele já tem o seu conhecimento próprio, é só preciso lapidá-lo esse saber. Isto é, a criança pode utilizar recursos da língua escrita em momento de fala, mesmo antes de ser alfabetizada. Esse aprendizado se dá, a partir da convivência da criança (criança, criança com criança ou adulto), com materiais escritos disponíveis – livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens, entre outros, e com a prática da leitura e de escrita da sociedade em que se inscrevem. Portanto esse processo acontece pela mediação de pessoa mais experiente, ou de bens materiais e simbólicos criados em sociedade.

A língua oral culta, que a escola valoriza, e a língua escrita constituem dialetos muito diferentes das práticas linguísticas das crianças das classes populares; por isso, essas práticas são rejeitadas pela escola e, mais que isso, atribuídas a um “déficit linguístico”, que seria acrescentado a um “deficit natural”, conceitos insustentáveis, quer do ponto de vista científico (segundo as ciências linguísticas e as ciências antropológicas, línguas e culturas são diferentes umas das outras, não melhores ou piores), quer do ponto de vista ideológico. (Magda Soares, 2010 p.22).

Segundo Soares, a escola representa o papel importante na vida do aluno. No entanto a sua representação e o que, transforma esse sujeito para a vida social e cultural, dando o indivíduo o direito de escolha, de buscar o que é de sua importância. Mas para isso acontecer, o sistema terá que respeitar os conhecimentos adquiridos

durante o seu convívio ao meio, e levando em considerações toda a aprendizagem que contribuiu para seu conhecimento.

Nesta perspectiva, a alfabetização dar-se através de uma profunda imersão das crianças nas práticas sociais de leitura e escrita, descartando-se qualquer tipo de atividades didáticas que não estivessem vinculadas a essas práticas. Portanto, as práticas sociais de leitura e escrita teriam que ser informadas do ponto de vista pedagógico, sob pena de tornar a aprendizagem da leitura e da escrita pouco significativa para a criança, privando-a do acesso a formas de comunicação que só aparecem nos textos escritos.

III CAPITULO

A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA ALFABETIZAÇÃO

3.1 A contribuição do desenho infantil na aquisição da escrita

Neste capítulo, destacamos como a arte influencia no processo de alfabetização da criança. Como já foi abordado neste trabalho, a arte era vista apenas como uma brincadeira, como um passa tempo para a criança. Apesar de saber que nos tempos primórdios antes mesmo de saber ler e escrever o homem se comunicava através da imagem.

Segundo Fontana:

[desenho]... é visto como uma possibilidade de expressão, como incentivo à criatividade. Ou ainda como indicador do nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Tendo em vista a alfabetização, o desenho é também considerado uma forma agradável de trabalhar a coordenação motora das crianças, sua capacidade de atenção e concentração, seus conhecimentos sobre cores, formas etc. (FONTANA, 1997, p. 144)

Partindo da ideia do autor, o desenho expressa a visão de mundo da criança e é através da arte que a criança desenvolve sua cognição, a inteligência e o conhecimento, conciliando a imagem com a escrita, aprendendo assim a conhecer as diversidades culturais, crescendo e aprendendo a valorizar que a arte não são apenas rabiscos e pinturas. Aprende que a arte mexe com a emoção, com a fantasia, e com isso a criança cresce com uma visão crítica; determinando assim sua visão da arte quando adulta.

Segundo, Paulo Freire (1978), se o educador, pelo contrário, não é levado a "burocratizar-se" neste processo, mas a manter viva a sua curiosidade, re-desvela o objeto no desvelamento que dele vão fazendo os educandos e, assim, não raro, percebe nele dimensões até então despercebidas. Cabe aos professores buscarem sempre conhecimento no que tange a arte, aguçar nas crianças o amor pela arte, o senso crítico, despertando neles que o difícil não é entender o que um desenho expressa mais ter a sensibilidade de entender que arte é cultura e que faz parte do nosso cotidiano, e ela esta inserida em qualquer lugar: museu, galerias de artes e assim fazendo um intercâmbio nas classes sociais.

Dentro deste propósito, é possível dizer que a evolução da aprendizagem da língua escrita é uma reformulação de representação do desenho da criança, assim

podemos dizer que a arte tem uma grande contribuição no que diz respeito à alfabetização do sujeito, levando em consideração que o professor é uma peça fundamental para entender que a arte não é um simples rabisco no papel, ele tem o dever de ensinar e mostrar para o aluno desde cedo, que a arte vai contribuir para seu desenvolvimento intelectual, cognitivo. E partindo deste pressuposto, o aluno pode sim, desenvolver suas habilidades não para se tornar um grande artista, mais sim, para reconhecer desde sua infância que a arte é importante para o seu convívio social.

A arte, para Read (2001, p. 15) “está profundamente envolvida no real processo da percepção, do pensamento e das ações corpóreas”. Quando o autor faz esta afirmação ele não designa determinada obra de arte e nem tampouco, um artista específico, mas aquela percepção que todo ser humano possui quando constrói um objeto ou até mesmo uma ação. O ser humano é um artista e produz arte. Ao buscar a construção de uma ação ou de um objeto o ser humano, procura dar a mais perfeita forma, algo que satisfaça o seu desejo.

Segundo Read,(2001) as crianças no momento da construção do seu desenho ela expressa o seu sentimento espontâneo, desejo, prazer, ódio, alegria, amor, e o desenho é responsável por essas ações. Construindo a ideia do autor a arte é importante na construção do seu conhecimento de mundo com um olhar além dos grafismos do papel.

E é a partir desta certeza que o aluno irá ter uma experiência da grandeza, no ambiente educacional e, para que isso aconteça são importantes às dinâmicas do aluno em relação a sua vida cotidiana.

A metodologia deste professor transformará, o seu educando em um cidadão com uma nova imagem de mundo, neste processo de aprendizagem onde visa distinguir dentro de sua própria cultura suas ações.

Enfim, a arte influencia no processo de ensino e aprendizagem da criança, pois ela deixou de ser vista somente como brincadeira, mais como forma de construção na vida da criança, onde ela aprende que a arte vai além de pintar e desenhar, pois a arte não é para construir artistas, mais sim, para que cada sujeito venha ter um olhar sensível para entender o que realmente a imagem expressa. As Artes Visuais, a Música, a Dança e o Teatro, como expressões artísticas, contribuem muito para a formação da criança: ajudam na aquisição da leitura e da escrita formais, colaboram

para uma leitura mais real e profunda do mundo, para a construção de um cidadão mais crítico, fraterno, criativo, o qual será o protagonista da transformação de uma sociedade mais justa e humana.

Não podemos deixar de destacar, que o professor é peça fundamental para nortear essa linha de raciocínio no seu aluno, pois o educador precisa buscar conhecimento, para desenvolver intelecto e a cognição do sujeito, levando em consideração, que a arte pode sim, contribuir para que o individuo se alfabetize através dos seu grafismo e pintura, despertando sua emoção e sensibilidade no que diz respeito a arte.

O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um componente trabalho pedagógico. No caso do professor de Arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectado a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa saber arte e saber ser professor de arte. (RESENDE E FERRAZ, 1991, pg. 49).

Com base na ideia das autoras, o docente precisa buscar conhecimentos, praticar ações, se aperfeiçoar, buscar informações, fazer cursos no que diz respeito a sua área, para atender as necessidades do aluno, pois a arte-educadora contribui para a atualização e o desenvolvimento profissional e político, que abrange todo nível de ensino.

Partindo deste pressuposto, os estudantes têm o direito de contar com o apoio do professor, pois, este precisa saber buscar conhecer com clareza a cultura estética e artística para que seus alunos desenvolvam com sensibilidade o que eles vivem na sociedade. Sabemos que esse processo transformador ajuda os alunos a melhorarem a sua sensibilidade e saberes práticos e teóricos em arte.

Sabemos que todo o esforço para desenvolver um trabalho no ensino da arte na escola ainda não tem sido ensinados e aprendido pela maioria das crianças brasileiras, é necessário que a escola repensem sobre um trabalho consistente, duradouro no qual a criança venha aprender sobre sua vida pessoal e social, pois, o ensino-aprendizagem de arte requer um saber específico, para dar um novo caminho para o mundo, pois é preciso sim, ter a certeza que a arte é uma disciplina que contribui nesse processo de ensino-aprendizagem, precisamos que os

profissionais desta área, tenha total consciência de como é de suma importância ensinar para as crianças o que se trabalha, qual a finalidade e objetivo de um “simples” rabisco, desenhos, etc. no papel.

Enfim, a arte tem que ter métodos, objetivos, conteúdos, para que ela deixa de ser considerada apenas uma atividade e passe para uma nova categoria: disciplina de Arte.

3.2 A influência da arte na alfabetização

A arte na Educação infantil tem papel fundamental na construção de um indivíduo que tenha opinião diante da sociedade, dando-lhe experiências que o ajudará a refletir, desenvolver valores, sentimentos, emoções e uma visão questionadora no mundo que o cerca. Usando a arte como uma das ferramentas da alfabetização, ajudará o aluno a compreender melhor o que pretende ser feito, e irá fazer com que ele desenvolva a psicomotricidade no processo escolar. As atividades lúdicas trazem benefícios que proporcionam saúde física, mental, social e intelectual à criança, ao adolescente e até mesmo ao adulto.

A prática educativa não está embasada no talento ou no dom, dessa forma os educadores estimulam seus educandos a se arrisquem a desenhar, representar, dançar, tocar e escrever. Saindo do método que apenas se utiliza lápis e papel, e diversificando os métodos de ensino o aluno conseguirá assimilar melhor o que será ensinado. A inclusão da arte na alfabetização contribui para que o educador tenha o poder de diversificar não ficando preso há um único método, assim contribuindo com o aluno. Podemos tornar o ensino da arte uma prática significativa pra quem dela participa, por meio de investimentos na qualificação de profissionais, assim arte deixará de ser apenas um meio de utilização para organização de festas.

A arte não é apenas o ato de pintar e desenhar, ela faz com que o ser humano possa conhecer um pouco de sua história, além de ajudar a criança a transmitir aquilo que ela deseja. O processo de assimilação da criança com seu meio social através de imagem têm como objetivo a idéia de despertar o sentido dos alunos, que muitas vezes é adormecido pela frieza das salas de aula. Muitos alunos tem a vergonha como uma barreira na hora de se expressar, às vezes não consegue transmitir o que querem, mas com o auxílio e qualquer forma de arte isso é possível. Seja através de desenho, música, pintura, dança etc.

Relato de experiência

A professora se chama Marcia Rachel, é formada em Artes Visuais e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo especialista em Arte educação e Informática na Educação. Leciona há dezoito anos no ensino público, professora efetiva de arte nas redes de Serra e Vitória.

A professora relata que na rede de Serra a disciplina de arte na Educação Infantil foi implantada recentemente no ano de 2010. A professora trabalha em um Centro Municipal de Educação Infantil no período matutino com oito turmas, com grupos de crianças de três a cinco anos. São dadas duas aulas por turma com duração de cinquenta minutos cada;

Perguntamos a professora qual seria a importância da Arte na Educação Infantil. Segundo ela o significado da arte é o próprio aprendizado para a vida humana. Arte impulsiona a cultura e a cultura oferece um mundo de significados para que se possa criar e compreender o mundo real. Na educação infantil a criança pode rabiscar somente pelo prazer, mas à medida que vai dominando o gesto e percebendo visualmente que entre o gesto e as marcas que faz existe uma ligação, seus atos passam a ser mais intencionais faz linhas continuas ou interrompidas, curvas que se entrecruzam, ou simplesmente pequenas marcas que se contrastam na superfície. A partir deste momento também sucede que ela encontra algo a representar. Nas aulas de arte a professora tenta trabalhar com a fusão da alfabetização utilizando a leitura de imagem, e compromete-se com procedimentos educativos ligados a manifestações expressivas e lúdicas nas ações de saber artístico e estético, inseridas em seus contextos socioculturais. Sugere também o desenvolvimento das habilidades de ver, observar, reconhecer, refletir, compreender, analisar, interpretar como vetores da construção do saber para um entendimento mais claro das mensagens visuais e escritas. Utilizando a arte no processo de alfabetização percebi, se a aprendizagem ocorre pelos sentidos, à disciplina de arte é a única que verdadeiramente se concentra no desenvolvimento de experiências sensoriais e é assim que a criança vai construindo suas relações com o mundo. Por meio da arte, podemos compreender culturas, reler não o mundo como o nosso particular, de tornar a aprendizagem significativa e a de atribuir significado ao que se lê e ao que se escreve. Este percurso vai sendo construído antes mesmo da criança entrar na escola.

Considerações finais

No decorrer desse trabalho podemos constatar que a arte não deve ser vista apenas como um passatempo para a criança, mas sim, como uma forma de aprendizagem.

A partir dos estudos realizados e das observações da prática pedagógica observa-se que a arte é de fundamental importância para o desenvolvimento e o significado que lhe são impressas muito contribui para que as mesmas sintam-se nas atividades relativas à alfabetização.

Certamente a arte oferece recursos para que os alunos pensem os processos de ver, fazer e conhecer a arte. Não necessariamente que o aluno se torne um artista, mas que desde a tenra idade, possa vir a desenvolver a sensibilidade crítica em relação à arte.

O professor é de fundamental importância nesse processo para mostrar com objetividade e clareza aos educandos; que a arte vai muito além de um simples rabisco, que com isso a criança desenvolva sua criatividade de forma livre, trabalhando assim com suas limitações e ao mesmo tempo valorizando o que podem aprender e produzir.

Com a arte o aluno desenvolve sua capacidade intelectual e cognitiva, despertando assim sua emoção, imaginação, sensibilidade e o levando a refletir que a arte é cultura.

No entanto, é preciso que o educador saiba se colocar e deixe o aluno criar e desenvolver suas idéias. Proporcionando que as crianças venham descobrir outros prazeres no momento de expor seu desenho e perceber as dificuldades e limitações da criança.

Podemos afirmar que este trabalho nos fez refletir e entender sobre a importância da arte e suas contribuições na alfabetização.

Percebe-se que a arte tem como objetivo de ajudar a repensar sobre o que diz respeito à arte na educação infantil.

Com isso o educador precisa aprimorar seus conhecimentos para assim contribuir de forma eficaz na educação e no ensino da arte.

Enfim chegamos à conclusão que a escola tem um papel importantíssimo na valorização do ensino da arte; pois a mesma precisa desenvolver um trabalho consistente e duradouro no qual a criança se conscientize como a arte pode ser

importante em sua vida social. Não é dada a devida importância ao tema abordado porque a arte ainda é vista a preencher alguma disciplina vaga, e com isso oferecer a criança apenas um papel para pintar acham que é suficiente. Sendo que a arte vai muito além desse ensinamento.

A escola e educadores precisam desmistificar que a disciplina de arte é apenas um passatempo; dando sua devida importância; como um processo transformador e que ajuda os alunos a melhorarem seus saberes práticos e teóricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. Teoria e prática da Educação Artística, São Paulo: Cultrix, 1975.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: (Lei No 9.394/96) / apresentação.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte. Ministério da Educação.

CARLOS Alberto Jamil Cury. 7. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

FRANCHI, Eglê. - São Paulo: 4ª ed. Cortez, 1988.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; FUSARI, Maria Felisminda de R. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras - São Paulo: 6ª Ed, Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura de mundo leitura da palavra - Rio de Janeiro: 3ª ed. Paz e terra, 1990.

FUSARI, M.F.R. FERRAZ, M.H.C.T. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, M.F.R. FERRAZ, M.H.C.T. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANCHI, Eglê. Pedagogia da Alfabetização: da oralidade à escrita - São Paulo: 4ª ed. Cortez, 1988.

FONTANA, Roseli. O desenho infantil. In: ROSELI, Fontana. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Recorde, 2001.

LANGER, Susanne K. Ensaaios filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1981.

Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: A| Secretaria. 2001 (vol. 6).

LUDKE, M., ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Mirian Celeste ET al. Teoria e prática do ensino de arte. São Paulo: FTD, 2009.

REVISTA NOVA ESCOLA Edição 197, Novembro 2006.

(ROMÃO, José Eustáquio, Revista Nova Escola p.2) - Acesso em 17/05/14 às 20h55min.

SAMPAIO, Carmem Sanches. Alfabetização na pré-escola. In: GARCIA, Regina Leite (org.) *Revisitando a pré-escola* – São Paulo: Cortez, 1993.

Disponível em: <http://www.brasilecola.com/artes/a-arte-na-historia.htm>-Acesso em 26/06/14 às 14h05min

Disponível em: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/o-que-arte-o-homem-a-t-cn:htm>-Acesso em 26/06/14 às 19h00min

Disponível em: <http://gisele-finatti-baraglio.blogspot.com.br/2011/07/historia-da-educacao-no-brasil-um-breve.html> - Disponível em: Acesso em: 17/05/14 às 19h25min.

Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/metodo-paulo-de-alfabetizacao-as-lembrancas-emocionais-da-1a-turma.html>- Acesso em 25/04/14. Às 20h21min.

Disponível em: http://universodeartecultura.blogspot.com.br/2012/02/33-comunicacao-atraves-das-artes_12.html-Acesso em 23/06/14 às 22h00min

ANEXOS

Anexo A

Relato: Desenhando o som

Projeto: “Musicalidade”

Professora: Marcia Rachel

Educandos: Alunos de cinco anos de um CMEI da rede municipal de Serra;

Justificativa: Todo som é movimento, onda, vibração, impulso e repouso. É gesto. Sem papel ou lápis, também costumamos registrar corporalmente os sons que ouvimos. Não só as mãos todo o corpo reage, fazendo tudo aquilo que “deu vontade”. É a partir daí que trabalharemos a escuta mais ativa, provocando o registro e preparando a compreensão da notação musical.

Objetivos:

- Prepara para a criação de códigos de registro sonoro que, nessa trilha, levará à alfabetização, à leitura e à escrita musical.
- Instigar para a escuta ativa de altura, duração e intensidade, transformando o som em movimentos suaves ou fortes, econômicos ou amplos, longos, interrompidos, pontilhados.

Conteúdos:

- Percepção dos parâmetros do som.
- Registro sonoro.

Objetivo da atividade relatada:

- Registrar as diferentes possibilidades de sons, numa atividade perceptiva e também expressiva.

ANEXO B

Arte Rupestre



Serra da Capivara, Piauí.

Arte Amazônica- Antropomorfa e Zoomoformas



Época Barroca



Anjos-Aleijadinho



Anjo com o cálice da Paixão, na Via Sacra Congonhas.

Aleijadinho



Igreja de São Francisco de Assis em São João Del-Rei, projeto de Aleijadinho modificado por Cerqueira

Neoclacissismo



Vista do Outeiro, Praia e Igreja da glória de.
Nicholas Antoine Taunay

Arte Moderna



Tarsila do Amaral, Abaporu.



Di Cavalcanti, As cinco moças de Guaratinguetá.

Romantismo



Pedro Américo, A fala do Trono.



Rodolfo Amoedo, O último Tamoio.